



AGROECOLOGIA COMO UMA FILOSOFIA DE VIDA CAMPONESA

Agroecology as a Peasant Life Philosophy

ANDRADE, Francisco do L.¹

andrascalifornia@gmail.com

Eixo temático: Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável

Resumo

Analisa a agroecologia como filosofia de vida camponesa, compreendendo-a como expressão cultural, política e ética enraizada nos saberes e práticas dos povos do campo. A partir de revisão bibliográfica e diálogo com experiências territoriais, evidencia-se que a agroecologia articula ciência, cultura e espiritualidade, promovendo relações harmônicas entre seres humanos e natureza. O texto resgata a ancestralidade africana e indígena como fundamento de práticas agroecológicas, argumentando que essa visão rompe com a lógica mercantil da terra e do agronegócio. O estudo também enfatiza a agroecologia como processo educativo libertador, inspirado em Paulo Freire, e como movimento político de resistência e emancipação, representado por organizações como o MST e a ANA. Conclui-se que, enquanto filosofia de vida, a agroecologia propõe um novo paradigma civilizatório baseado na solidariedade, no cuidado com todos os seres e na continuidade dos saberes historicamente invisibilizados, consolidando-se como alternativa viável diante das crises socioambientais contemporâneas.

Palavras-chave: Modo de vida; Ancestralidade; Sustentabilidade; Resistência.

Abstract

This study analyzes agroecology as a philosophy of peasant life, understanding it as a cultural, political, and ethical expression rooted in the knowledge and practices of rural peoples. Based on a literature review and dialogue with territorial experiences, it is evident that agroecology articulates science, culture, and spirituality, promoting harmonious relationships between humans and nature. The text reclaims African and Indigenous ancestry as the foundation of agroecological practices, arguing that this vision breaks with the mercantile logic of land and agribusiness. The study also emphasizes agroecology as a liberating educational process, inspired by Paulo Freire, and as a political movement of resistance and emancipation, represented by organizations such as the MST (Municipal Workers' Movement) and the ANA (National Association of Agroecology). The study concludes that, as a philosophy of life, agroecology proposes a new civilizational paradigm based on solidarity, care for all beings, and the continuity of historically invisible knowledge, consolidating itself as a viable alternative in the face of contemporary socio-environmental crises.

Keywords: Way of life; Ancestry; Sustainability; Resistance.

¹ Educador popular, Pedagogo pela UFPA, Especialista em Educação do Campo pelo UFSC, Filósofo pela UEMA. Mestre em Ciências da Educação. Mestre em Desenvolvimento Territorial da América Latina e Caribe. Doutor em Humanidade e Educação. Coordenador (formador) Pedagógico no município de Açailândia. Professor contribuinte na Casa Familiar Rural de Açailândia. Professor na Faculdade Vale do Aço. Membro do GAEC- Grupo de Articulação em Educação do Campo, professor pesquisador no Programa Escola da Terra. Coordenador Junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, do Grupo de estudos; Questões Sociais e Culturais da Terra.



Introdução

A agroecologia vem se consolidando não apenas como uma alternativa sustentável de produção de alimentos, proposta ética, política e cultural profundamente enraizada nas práticas e saberes dos povos do campo. Articula dimensões ecológicas, sociais e espirituais, e representa uma crítica contundente ao modelo hegemônico do agronegócio, baseado na monocultura, no uso intensivo de agrotóxicos e na expropriação dos territórios camponeses.

Este artigo propõe refletir sobre a agroecologia como uma filosofia de vida camponesa, compreendendo-a como expressão de resistência, pertencimento e emancipação dos sujeitos do campo. Ao considerar os aspectos simbólicos, espirituais e comunitários das práticas agroecológicas, busca-se evidenciar como essa perspectiva rompe com a lógica mercantil da terra e da natureza, e pretende-se dialogar com os saberes populares, reconhecendo a agroecologia como ciência, prática e arte de viver em equilíbrio com a terra.

A filosofia é uma área do conhecimento que se dedica à reflexão crítica, racional e sistemática sobre os mais diversos aspectos da existência humana, tais como a verdade, a moral, a justiça, a liberdade, a natureza e o conhecimento. A filosofia questiona as certezas estabelecidas, busca os fundamentos da realidade e desafia os indivíduos a pensar criticamente e de forma autônoma. (CHAUÍ, 2010. Pg. 125).

Além de ser um saber teórico, a filosofia também é compreendida como uma forma de viver, uma postura diante da existência, marcada pela busca contínua de sentido, coerência e ética. Ela se aproxima da noção de filosofia de vida, em que os princípios e valores orientam as ações humanas em direção ao bem comum e à realização plena da vida.

Assim, entende-se que filosofar é inseparável do viver de forma coerente com os princípios que se acredita - um exercício contínuo de reflexão crítica, autoconhecimento, disciplina ética e engajamento com a realidade. Nesse sentido, a filosofia se apresenta como uma arte de viver, que orienta as ações humanas a partir da razão, da sensibilidade e da busca por sentido, estimulando a construção de uma vida justa, consciente e integrada com os outros e com a natureza. A compreensão da filosofia como modo de vida, cria pontes com experiências populares, espirituais e comunitárias, cuja sabedoria milenar também se traduz em escolhas éticas e modos de relação com a terra que vão além da racionalidade instrumental e se aproximam de uma verdadeira ética do cuidado.

Já a agroecologia, é um campo interdisciplinar que integra conhecimentos científicos e saberes populares para promover sistemas agrícolas sustentáveis do ponto de vista ecológico, econômico, social e cultural. Ao articular ciência, cultura e resistência, a agroecologia se apresenta como uma alternativa ao modelo do agronegócio, promovendo relações mais harmônicas entre os seres humanos e a natureza.



Autores como Miguel Altieri (2004) e Paulo Petersen (2009), destacam que a agroecologia não deve ser vista apenas como um conjunto de práticas sustentáveis, mas como uma ciência comprometida com os valores de justiça social, diversidade cultural e sustentabilidade ecológica. Assim, a agroecologia representa uma ponte entre o conhecimento acadêmico e o saber camponês, fortalecendo a luta por territórios camponeses mais justo e solidário.

Desta forma compreende-se a agroecologia tanto como um jeito de produzir alimentos, como uma ciência, mas também como um modo de viver em harmonia com a natureza, porque se constrói a partir da relação profunda entre as pessoas, a terra e os ciclos da natureza. Ela nasce e se fortalece no chão das comunidades camponesas, dos povos tradicionais, indígenas e quilombolas, que há gerações cuidam da terra de maneira equilibrada, respeitosa e solidária.

Como jeito de produzir alimentos, a agroecologia valoriza a diversidade, o manejo ecológico, o uso de sementes crioulas, o reaproveitamento de recursos naturais e a autonomia dos agricultores. Ao contrário do modelo do agronegócio, que depende de agrotóxicos, transgênicos e grandes máquinas, a agroecologia aposta no conhecimento tradicional, na cooperação e na produção de alimentos saudáveis, sem veneno, fortalecendo as economias locais e a soberania alimentar.

Já a agroecologia como uma ciência, essa se baseia em estudos multidisciplinares que envolvem a agronomia, a ecologia, a sociologia, a economia solidária e outras áreas do saber. Ela busca compreender os agroecossistemas em sua totalidade, integrando os conhecimentos acadêmicos com os saberes populares. Essa ciência não é neutra: ela é comprometida com a justiça social, com o respeito aos povos do campo e com a preservação dos bens comuns da natureza.

Mas a agroecologia é também um modo — ou uma arte — de viver, uma filosofia de vida, profundamente enraizada na cultura camponesa. Ela é vivida na prática cotidiana de quem planta, colhe, compartilha, cuida da água, das sementes, dos bichos, das pessoas e das florestas. Está presente nos mutirões, nas feiras agroecológicas, nos festejos das colheitas, nos cantos, nos saberes das mulheres, nas experiências das juventudes camponesas e na educação do campo que forma sujeitos conscientes e enraizados em seus territórios.

Metodologia

A partir de revisão bibliográfica e diálogo com experiências territoriais, evidencia-se que a agroecologia articula ciência, cultura e espiritualidade, promovendo relações harmônicas entre seres humanos e natureza.



A presente pesquisa, foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e diálogo com experiências territoriais vinculadas a práticas agroecológicas. O estudo buscou compreender a agroecologia não apenas como um sistema de produção sustentável, mas como uma filosofia de vida enraizada nas tradições e saberes dos povos do campo, articulando ciência, cultura e espiritualidade.

As experiências territoriais investigadas ocorreram em comunidades camponesas situadas no Município de Açailândia no Estado do Maranhão, no período de fevereiro a junho de 2025, com predominância de clima tropical úmido e presença de ecossistemas de transição entre Cerrado e Amazônia. Essas localidades apresentam agricultura familiar como principal atividade econômica, com forte presença do uso de práticas/técnicas agroecológicas, preservação de sementes crioulas e manejo sustentável de recursos naturais.

A revisão bibliográfica baseou-se em livros, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis em bases de dados como Google Scholar e periódicos da área de Ciências Agrárias, Educação do Campo e Ciências Sociais. A seleção das obras considerou o recorte temporal dos últimos 20 anos, sem excluir referências clássicas fundamentais para a compreensão conceitual de filosofia e agroecologia, como os trabalhos de Marilena Chaui (2010) e Miguel Altieri (2004).

O diálogo com experiências territoriais foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com agricultores familiares, lideranças comunitárias, técnicos em agropecuárias e agroecológicos, além de educandos e educadores do campo. As entrevistas foram conduzidas presencialmente, com registro em anotações de campo e, quando autorizado, gravação de áudio para posterior transcrição. Os critérios de seleção dos participantes incluíram atuação direta em práticas agroecológicas há pelo menos cinco anos e engajamento em ações coletivas voltadas à sustentabilidade socioambiental.

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo identificar categorias temáticas relacionadas aos eixos ciência, cultura e espiritualidade. Essa técnica possibilitou sistematizar os relatos e cruzá-los com a literatura revisada, evidenciando convergências e particularidades das experiências locais.

A triangulação metodológica entre revisão bibliográfica e observação empírica fortaleceu a validade do estudo, permitindo compreender a agroecologia como prática e filosofia a partir da vivência concreta dos sujeitos do campo. O conjunto desses procedimentos assegurou a articulação entre fundamentação teórica e realidade observada, tornando possível a reflexão crítica sobre a agroecologia como elemento central na construção de modos de vida sustentáveis, justos e culturalmente enraizados.



Resultados e Discussão

Os resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica e do diálogo com experiências territoriais evidenciam que a agroecologia, quando compreendida como filosofia de vida camponesa, transcende sua dimensão técnica para se afirmar como prática cultural, política e espiritual. As narrativas coletadas nas comunidades camponesas de Açailândia (MA) revelaram que a produção agroecológica está intrinsecamente ligada à preservação dos recursos naturais, à valorização das sementes crioulas, ao manejo sustentável da água e à manutenção da biodiversidade local. Essa visão é reforçada pela literatura, que identifica na agroecologia um campo interdisciplinar capaz de integrar ciência e saber popular, fortalecendo a soberania alimentar e a autonomia comunitária (ALTIERI, 2004; PETERSEN, 2009).

As entrevistas mostraram que, para os agricultores e agricultoras familiares, a prática agroecológica está associada a valores éticos e coletivos, como solidariedade, reciprocidade e respeito aos ciclos da natureza. Essa percepção dialoga com a concepção Freiriana de educação libertadora, na qual o conhecimento é construído de forma participativa e contextualizada (FREIRE, 1987). Ao adotar métodos tradicionais de cultivo — herdados de povos indígenas e africanos —, como o plantio consorciado, a rotação de culturas e o uso de adubos naturais, as comunidades estudadas reafirmam um modo de vida que resiste à lógica mercantil da terra e à homogeneização cultural imposta pelo agronegócio.

A análise de conteúdo permitiu identificar três eixos centrais: ciência, cultura e ancestralidade, cuja distribuição percentual é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos eixos temáticos identificados nas experiências agroecológicas.

Eixo Temático	Frequência Relativa (%)
Ciência	35
Cultura	40
Ancestralidade	25

A triangulação metodológica confirmou que a agroecologia, nessas comunidades, não é apenas uma alternativa produtiva, mas um projeto de vida que integra a dimensão material e simbólica da existência camponesa. Esses resultados convergem com estudos que apontam a agroecologia como um caminho para a construção de um novo paradigma civilizatório, fundamentado no cuidado com todos os seres e na continuidade dos saberes ancestrais (CARVALHO, 2021).

A **tabela 1**, ilustra esses resultados, permitindo visualizar a predominância da dimensão cultural (40%), seguida pela científica (35%) e pela ancestralidade (25%). Essa



predominância cultural reflete a importância dos saberes tradicionais, da organização comunitária e das práticas herdadas de povos indígenas e africanos na conformação da agroecologia como filosofia de vida

Assim, a consolidação da agroecologia como filosofia de vida depende do fortalecimento de políticas públicas voltadas à agricultura familiar, da ampliação dos processos educativos no campo e da valorização dos sujeitos sociais que, com seu trabalho e resistência, mantêm viva a relação harmoniosa entre humanidade e natureza. As experiências analisadas mostram que, diante das crises socioambientais contemporâneas, a agroecologia se apresenta não apenas como resistência, mas como esperança concreta de transformação social e ecológica.

Conclusões

A análise realizada demonstra que a agroecologia, concebida como filosofia de vida camponesa, configura-se como um paradigma capaz de integrar dimensões científicas, culturais e espirituais, promovendo relações equilibradas entre sociedade e natureza. As evidências coletadas nas comunidades de Açailândia (MA) confirmam que essa prática não se limita a um modelo produtivo sustentável, mas expressa uma forma de resistência ao agronegócio e de reafirmação da identidade dos povos do campo.

O resgate da ancestralidade africana e indígena revelou-se central para compreender a agroecologia como herança de saberes milenares, onde cultivo, cuidado e ancestralidade se entrelaçam na organização da vida comunitária.

Ao articular saberes acadêmicos e populares, a agroecologia se consolida como alternativa concreta frente às crises socioambientais contemporâneas, contribuindo para a construção de territórios sustentáveis, justos e solidários. Assim, reafirma-se que fortalecer políticas públicas, processos educativos e ações coletivas é imprescindível para que essa filosofia de vida se mantenha viva e capaz de inspirar novos modos de relação entre humanidade e natureza.



Referências bibliográficas

- ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CARVALHO, N. Agroecologia, território e políticas públicas. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 3, 2021.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PETERSEN, Paulo. Agroecologia e os desafios do desenvolvimento rural sustentável. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, v. 2, pág. 147-169, 2009. -169, 2009.